

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CLÁUDIA GABRIELA FERNANDES E SOUZA

TATIANE CRISTINA NUNES DA SILVA

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NO CUIDADO DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA
REVISÃO DA LITERATURA**

IPORÁ – GO

2024

Cláudia Gabriela Fernandes e Souza

Tatiane Cristina Nunes da Silva

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NO CUIDADO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO
DA LITERATURA**

Artigo apresentado à banca examinadora do curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário de Iporá – UNIPORÁ como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador (a): Prof. Ms. *Ana Cláudia de F. Lima*

BANCA EXAMINADORA

Ana Cláudia de Faria Lima

Prof. Ms. Ana Cláudia de Faria Lima
Presidente da Banca e Orientadora

Francielle Moreira Rodrigues

Prof. Ms. Francielle Moreira Rodrigues

Gerente Departamento de Ciências da Saúde – Coordenadora do curso de Graduação em Enfermagem

Lorena Marques Moura

Prof. Esp. Lorena Marques Moura

Bruno Duarte Silva de Freitas

Prof. Esp. Bruno Duarte S. Freitas

O PAPEL DA ENFERMAGEM NO CUIDADO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DA LITERATURA

Ana Cláudia de Faria Lima¹
Cláudia Gabriela Fernandes e Souza²
Tatiane Cristina Nunes da Silva³

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades na comunicação, interação social e padrões repetitivos de comportamento. Dada a crescente detecção desses transtornos em crianças, surge a necessidade de um atendimento especializado, onde o papel dos profissionais de enfermagem se torna essencial. Os enfermeiros não só gerenciam aspectos clínicos do TEA, mas também são fundamentais no apoio emocional e na promoção da inclusão social das crianças. O objetivo geral deste trabalho é revisar a literatura sobre o papel da enfermagem no cuidado de crianças com TEA, focando nas intervenções e estratégias que afetam a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias. A questão central da pesquisa é entender como as ações dos enfermeiros impactam esses aspectos e melhorar o conhecimento sobre suas práticas específicas. A metodologia adotada inclui uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, que visa explorar as práticas e estratégias usadas na assistência a crianças com TEA, através da análise de obras publicadas. Os resultados indicam que o papel da enfermagem é multifacetado, abrangendo desde a detecção precoce e o manejo clínico até o suporte emocional e a inclusão social. O estudo revela que é essencial aprimorar as práticas de enfermagem através de formação contínua, desenvolvimento de protocolos claros e a adoção de abordagens personalizadas. O cuidado deve ser adaptado às necessidades individuais das crianças e ao impacto sobre suas famílias, visando promover uma assistência holística e de alta qualidade.

PALAVRAS-CHAVES: Transtorno do Espectro do Autismo, Cuidados de Enfermagem, Hospitalização.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by difficulties in communication, social interaction, and repetitive patterns of behavior. Given the increasing detection of these disorders in children, there is a growing need for specialized care, making the role of nursing professionals essential. Nurses not only manage clinical aspects of ASD but are also crucial in providing emotional support and promoting social inclusion for children. The primary objective of this work is to review the literature on the role of nursing in the care of children with ASD, focusing on the interventions and strategies that impact the quality of life of patients and their families. The central research question is to understand how nurses' actions affect these aspects and to enhance knowledge about their specific practices. The adopted methodology includes qualitative and bibliographic research, aimed at exploring the practices and strategies used in the care of children with ASD through the analysis of published works. The results indicate that the role of nursing is multifaceted, encompassing early detection and clinical management as

¹Orientadora - Graduada em Administração pela Faculdade de Iporá; Graduada em Pedagogia pelo Instituto Federal Goiano; Especialista em Gestão Empresarial pela Faculdade de Iporá; Mestra em Ecologia e Produção Sustentável pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: anaclaudia.ipora@hotmail.com

²Graduada do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Iporá (UNIPORÁ). E-mail: fernandesclaudiagabriela38@gmail.com

³Graduada do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Iporá (UNIPORÁ). E-mail: Taticris806@gmail.com

well as emotional support and social inclusion. The study reveals that it is essential to enhance nursing practices through ongoing training, the development of clear protocols, and the adoption of personalized approaches. Care should be tailored to the individual needs of children and the impact on their families, aiming to promote holistic and high-quality assistance.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder, Nursing Care, Hospitalization.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento com origem biológica, marcado por dificuldades contínuas na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. A detecção de transtornos psiquiátricos em crianças tem se tornado cada vez mais frequente nas unidades de saúde, surgindo assim, a necessidade de um atendimento especializado e eficaz.

Nesse cenário, o papel dos profissionais de enfermagem torna-se fundamental. Eles não apenas gerenciam os aspectos clínicos do transtorno, mas também fornecem orientações sobre a aceitação do diagnóstico, o enfermeiro contribui para promover ajustes no estilo de vida da família e no ambiente doméstico, facilitando uma adaptação mais eficaz ao diagnóstico.

Esse trabalho se justifica que ao analisar as práticas de enfermagem, as estratégias adotadas e os desafios enfrentados, este trabalho visa fornecer informações valiosas que podem melhorar a prática profissional e, conseqüentemente, a qualidade de vida das crianças autistas e de suas famílias.

Desse modo, surge a seguinte questão de pesquisa: Qual é o papel do enfermeiro no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista e como suas intervenções impactam a qualidade de vida dessas crianças e suas famílias?

Sendo assim, este trabalho busca contribuir com um maior entendimento sobre o papel da enfermagem no cuidado de crianças com TEA. O trabalho está estruturado em seções, sendo elas: Introdução abordando o tema, justificativa, objetivo geral e específicos, na sequência, referencial teórico de 10 trabalhos publicados nos últimos cinco anos. Metodologia de pesquisa, discussões e resultados sobre o que diz os trabalhos a respeito do tema, as considerações finais e por último, as referências de todas as fontes que foram utilizadas nesse trabalho.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Apresentar uma revisão bibliográfica sobre o papel da enfermagem no cuidado de crianças com TEA, destacando as intervenções e estratégias que impactam a qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para satisfazer o objetivo geral, foi necessário estabelecer alguns objetivos específicos tais como:

- Identificar as práticas atuais de enfermagem, abrangendo abordagens terapêuticas, suporte emocional e manejo comportamental;
- Identificar as dificuldades comuns e as áreas que necessitam de aprimoramento em termos de treinamento e suporte aos profissionais de enfermagem;
- Propor recomendações para melhorar a atuação dos enfermeiros no cuidado de crianças com TEA.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Araujo et al. (2019), destaca a importância do enfermeiro na assistência a crianças autistas. Este trabalho identifica sinais precoces de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e enfatiza o papel do enfermeiro na triagem e monitoramento do desenvolvimento infantil.

Ribas e Alves (2020), analisa o cuidado de enfermagem a crianças autistas, destaca a evolução da prática de enfermagem, que passou de uma abordagem centrada na medicação para uma visão mais holística. No entanto, ainda há lacunas no conhecimento dos enfermeiros sobre TEA e recursos insuficientes, desse modo a capacitação contínua é fundamental para assegurar um atendimento de qualidade, alinhado aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Pimenta e Amorim (2021), tem como objetivo identificar a realidade de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) e o cuidado de enfermagem a esse grupo. Discutem a prevalência do autismo em meninos e a importância da identificação precoce para intervenções eficazes, revelando que muitos enfermeiros enfrentam dificuldades por falta de preparo, especialmente em hospitalizações. A capacitação contínua e uma boa comunicação são essenciais para minimizar o estresse e o trauma das crianças. A pesquisa de Silva et al. (2024), analisa a interação entre o ambiente biológico e social nas práticas de enfermagem voltadas a pessoas com diagnóstico de autismo, identificaram categorias temáticas sobre a responsabilidade no diagnóstico e na intervenção terapêutica, destacando a importância da

identificação precoce e a necessidade de intervenções adaptadas à idade das crianças. As enfermeiras enfatizaram que o cuidado deve ser compartilhado entre pais, profissionais de saúde e a sociedade, defendendo uma abordagem personalizada e abrangente.

Barros e Alves (2024), tem como objetivo analisar a abordagem de enfermagem no cuidado a crianças com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) em ambiente hospitalar, enfatizando a importância de cuidados holísticos. Este trabalho, de natureza qualitativa e bibliográfica, destaca o estresse da hospitalização para essas crianças devido a dificuldades de comunicação e sensibilidade sensorial. Sugerem que enfermeiros adotem estratégias práticas, promovam a autonomia da criança e da família, e criem um ambiente acolhedor. Barros e Alves (2024), sugere uma abordagem holística e centrada na pessoa que é essencial para o bem-estar da criança. Zech (2024), visa conhecer as ações do enfermeiro em relação a crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Atenção Primária à Saúde. Realizada de forma descritiva-exploratória e qualitativa, a pesquisa incluiu entrevistas semiestruturadas com enfermeiros de Unidades Básicas de Saúde (UBS) em Florianópolis. Os participantes identificaram que as principais demandas para consultas relacionadas ao TEA vêm de relatos familiares, colaboração com o Projeto Saúde na Escola e sinais observados nas consultas. Zech conclui que capacitações periódicas e protocolos bem definidos poderiam melhorar a qualidade da assistência prestada a essas crianças.

Miranda et al. (2024), analisa a importância da assistência do enfermeiro da atenção básica no impacto do diagnóstico de autismo e na aceitação das mães. Por meio de uma revisão integrativa da literatura, identificou as dificuldades enfrentadas por mães de crianças autistas e como os enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família podem oferecer suporte. Os resultados mostram que, apesar das sobrecargas, as mães valorizam seus filhos e lidam com o impacto em suas rotinas, assim, os enfermeiros desempenham um papel crucial ao fornecer apoio psicossocial e promover ambientes inclusivos.

Sousa et al. (2024), descreve o cuidado da enfermagem com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas famílias. Através de uma pesquisa bibliográfica em bibliotecas virtuais como a Scielo, Lilacs e Google Acadêmico, destacam a importância da equipe multidisciplinar e a necessidade de um atendimento individualizado e inclusivo. A formação continuada dos enfermeiros é essencial e que estes devem adotar uma postura ética e humanizada, apoiando a socialização e a compreensão das experiências familiares.

Barbosa e Oliveira (2024), visa destacar a importância da comunicação eficaz e inclusiva pelos profissionais de enfermagem no cuidado a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi feito uma revisão sistemática da literatura onde foi selecionado e analisado

10 trabalhos. Enfatizam a necessidade de identificar sinais precoces de autismo e orientar os pais, criando um ambiente acolhedor e adaptando abordagens às necessidades individuais.

A formação contínua dos enfermeiros é crucial para promover a comunicação e a qualidade de vida dessas crianças. Felipe (2024), explorou as estratégias e desafios dos enfermeiros na detecção precoce de alterações do neurodesenvolvimento durante a puericultura. Destaca-se que a puericultura é essencial na Estratégia de Saúde da Família (ESF), mas enfrenta desafios como a falta de uniformidade nas consultas e a carência de capacitação dos enfermeiros. Assim, conclui-se que a melhoria da formação dos profissionais e a adesão das mães aos serviços de saúde são fundamentais para otimizar o desenvolvimento infantil.

2.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA): Contexto histórico e características

O autismo, um transtorno do neurodesenvolvimento, tem uma história rica e complexa. A primeira vez que o termo "autismo" foi utilizado foi em 1908 pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler, que o aplicou para descrever sintomas semelhantes aos observados na esquizofrenia (Araujo, 2022). No entanto, o reconhecimento do autismo como uma condição distinta e separada de outros transtornos, como a esquizofrenia infantil e o retardo mental, só começou a se consolidar mais tarde. A partir da década de 1940, o trabalho de Leo Kanner, um psiquiatra infantil, foi fundamental para definir o autismo infantil como uma entidade diagnóstica própria.

De acordo com Araujo (2022), em 1943, Kanner descreveu 11 crianças com dificuldades significativas em interações sociais, assim, Kanner identificou características como ecolalia (repetição de palavras), inversão pronominal e dificuldades severas de linguagem, estabelecendo um quadro mais detalhado do transtorno que antes, era muitas vezes confundido com outros transtornos, como psicose infantil e retardo mental, ou mesmo visto como um comportamento excêntrico. A compreensão do autismo evoluiu consideravelmente desde então. Em 1952, o Manual Diagnóstico Estatístico de Saúde Mental (DSM) incluiu o autismo pela primeira vez, embora inicialmente os sintomas fossem associados à esquizofrenia, a definição de autismo foi revisada e ampliada em edições subsequentes do DSM, refletindo uma compreensão crescente das características e necessidades das pessoas com o transtorno (Araujo, 2022).

O autismo é reconhecido hoje como um transtorno complexo com causas multifatoriais, envolvendo fatores genéticos e ambientais. Os estudos sugerem que, enquanto os fatores ambientais não causam diretamente o autismo, podem influenciar a expressão dos sintomas. De acordo com a 5ª edição do DSM (2014), os sintomas do autismo costumam ser identificáveis desde cedo, mas pode ser que a medida que a pessoa enfrenta desafios mais complexos ao longo

da vida, os sinais tendem a se manifestar de forma mais evidente. Carniel *et al.* (2010, *apud* Araujo *et al.*, 2019) descreveram a evolução dos sinais e sintomas de TEA de acordo com o tempo de vida do indivíduo, essas informações estão organizadas de acordo com o Quadro 1.

Quadro 1- sintomas de TEA de acordo com o tempo de vida

Do nascimento até os 15 meses	Problemas e dificuldades de alimentação e amamentação; apáticos, não mostram desejo de afeto e carinho; choram muito, ou não choram; não tem interesse por pessoas e pelo ambiente; medo incomum de estranhos; apresentam os movimentos repetidamente como; balançam as mãos; o interesse por determinados objetos, aparelhos e jogos obsessivamente; não gostam que se mude o ambiente físico insistindo no seu desejo; sono prejudicado.
Dos 18 meses aos 2 anos	Dificuldade de higiene e controle de esfíncteres; na alimentação tem preferências estranhas; podem apresentar ausências da fala ou atraso.
Após os 2 anos	A dificuldade de fala permanece, ocorrendo repetições de palavras; persistem os problemas de controle dos esfíncteres e dos hábitos de higiene; apresentam incapacidade para jogos comuns; podem apresentar habilidades motoras e musicais; insensibilidade à dor.

Fonte: Carniel *et al.* (2010, *apud* Araujo *et al.*, 2019).

O DSM (2014) criou uma tabela com os especificadores de gravidade do TEA, separado em três níveis/ graus, como mostra o Quadro 2:

Quadro 2- Níveis de gravidade para Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Nível/grau	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível/grau 3 - Precisa de suporte	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e res posta mínima a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível/grau 2 - Precisa de suporte substancial	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e res posta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível/grau 1 - Precisa de suporte muito substancial	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, p. 52.

O reconhecimento crescente e as revisões sucessivas no DSM refletiram avanços na compreensão das características e necessidades das pessoas com TEA, que mostram com o tempo, que a comunidade médica e científica ganhou uma compreensão mais profunda sobre o assunto. Isso é um reflexo do progresso na pesquisa e no entendimento do TEA, permitindo um diagnóstico mais preciso e um melhor atendimento às necessidades das pessoas com o transtorno.

2.2 A história do ensino da enfermagem

A história da enfermagem moderna é marcada por transformações significativas desde o século XIX, quando a prática começou a ser sistematizada e formalizada. O início dessa trajetória está fortemente associado ao trabalho de Florence Nightingale que, a partir da segunda metade do século XIX, revolucionou a formação e a prática da enfermagem na Inglaterra (Silveira, Paiva, 2011). Nightingale estabeleceu um modelo de ensino teórico e prático que enfatizava a disciplina e a moralidade, refletindo os valores da sociedade inglesa da época.

A análise dos trabalhos de Araújo *et al.* (2019), Ribas e Alves (2020), e Pimenta e Amorim (2021), oferece uma visão abrangente sobre o papel da enfermagem na assistência a crianças com TEA, destacando a importância de uma abordagem adaptada e bem-informada para melhorar a qualidade do atendimento. Esses estudos oferecem uma reflexão crítica sobre as práticas atuais e a necessidade de evolução contínua na formação e na abordagem dos profissionais de saúde.

A trajetória da enfermagem no Brasil é marcada por uma evolução significativa que reflete mudanças sociais, políticas e econômicas ao longo dos séculos. Durante o período colonial, a prática da enfermagem estava predominantemente nas mãos de irmãs de caridade e leigos. Silveira e Paiva (2011), mencionam que, esse período é caracterizado por um ensino empírico, essencialmente prático, sem exigências formais de escolaridade para os praticantes, as práticas eram informais e adaptadas às necessidades imediatas das comunidades. As autoras ainda dizem que:

O ensino de enfermagem foi oficialmente instituído no Brasil com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, conforme o Decreto Federal n.º 791, de 27 de setembro de 1890, do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Posteriormente, essa escola passou a ser denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, hoje uma unidade da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), inspirada na Escola de Salpetière, na França, inicialmente dirigida por médicos. Enfermeiros só começaram a dirigir a partir de 1943 (p. 03).

Silveira e Paiva (2011), relatam que a introdução do modelo nightingaleano no Brasil se deu por meio da instalação do Hospital Evangélico em São Paulo, em 1892, com um corpo de enfermeiras inglesas treinadas segundo o sistema de Florence Nightingale. Em 1901, foi criado um curso de enfermagem no hospital com características do sistema nightingaleano, visando a formação de pessoal para a instituição, no entanto, essa escola não foi oficialmente reconhecida (Fernandes, s/d, *apud* Silveira, Paiva, 2011).

Em 1916, a Cruz Vermelha Brasileira estabeleceu uma escola de enfermagem no Rio de Janeiro, subordinada ao Ministério da Guerra, com o propósito de treinar socorristas voluntários e, posteriormente, criar um curso de visitadoras sanitárias em 1920 (Galleguilos, 2007, *apud* Silveira, Paiva, 2011). O marco significativo na história da enfermagem no Brasil ocorreu em 1923 com a criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, sob a direção de Carlos Chagas, que representou a introdução da enfermagem moderna no Brasil.

De acordo com Medeiros e Tipple (1999, *apud* Silveira, Paiva, 2011), a escola visava a formação de profissionais para a Saúde Pública, especialmente no controle das epidemias e no saneamento urbano, Carlos Chagas, ao entrar em contato com o trabalho das enfermeiras norte-americanas treinadas no padrão nightingaleano, percebeu a importância desse modelo para a estratégia sanitária do governo brasileiro. O apoio do Fundo Rockefeller ajudou na adaptação do modelo para o Brasil, resultando na criação da Escola de Enfermagem Anna Nery em 1926 e, posteriormente, na incorporação à Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1946, no entanto, a partir da década de 1950, houve uma desaceleração no crescimento do número de escolas de enfermagem, com as políticas governamentais focadas no crescimento econômico e no controle político-ideológico, relegando a saúde e a educação a um segundo plano (Geovanini, 2005, *apud* Silveira, Paiva, 2011).

A década de 1980 trouxe importantes avanços para a enfermagem no Brasil, incluindo a aprovação da Lei do Exercício Profissional (Lei n.º 7.498/1986) e a promulgação da Constituição Federal de 1988, que estabeleceu o Sistema Único de Saúde - SUS (Geovanini, 2005 *apud* Silveira, Paiva, 2011). Esses eventos marcaram um momento de transição, com um foco crescente na saúde pública e na humanização do atendimento. Para Costa e Miranda (2009, *apud* Silveira, Paiva, 2011), a expansão da educação em enfermagem continuou, com a introdução de cursos de pós-graduação e a criação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) em 2001, que definiram o perfil de formação do egresso como um profissional generalista, humanista e crítico. O início do século XXI foi um período de significativa transformação para o ensino de enfermagem no Brasil. O crescimento e a profissionalização da

área refletiram mudanças profundas nas políticas de saúde, nas expectativas sociais e na estrutura educacional.

2.3 Práticas Atuais de Enfermagem na assistência a crianças com TEA

O texto de Araújo et al. (2019), destaca a importância do enfermeiro na triagem e monitoramento do desenvolvimento infantil, ressaltando que sinais de Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem ser identificados desde os primeiros meses de vida. Os enfermeiros frequentemente são os primeiros a notar esses sinais e devem criar um ambiente acolhedor para estabelecer confiança com as crianças e suas famílias, adaptando suas abordagens às necessidades individuais.

Por sua vez, Ribas e Alves (2020), discutem a evolução da prática de enfermagem no cuidado a crianças com TEA, ressaltando uma transição de abordagens punitivas para uma visão mais holística e inclusiva após a Reforma Psiquiátrica. No entanto, muitos enfermeiros ainda enfrentam desafios devido ao conhecimento limitado sobre o TEA e à falta de recursos e capacitação. O texto enfatiza a importância da formação contínua para que os profissionais estejam preparados para oferecer um atendimento eficaz, alinhado com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Pimenta e Amorim (2021), complementam essa discussão ao focar na realidade enfrentada por crianças com TEA e suas famílias, evidenciando a necessidade de um cuidado adaptado e personalizado. O trabalho destaca que a preparação dos enfermeiros deve incluir estratégias para minimizar o estresse em contextos hospitalares, que podem ser particularmente desafiadores para crianças autistas. A formação dos profissionais deve abranger não apenas aspectos técnicos do cuidado, mas também habilidades para promover uma abordagem inclusiva e personalizada, ajustando o ambiente e as práticas para reduzir o impacto negativo do estresse.

Em conjunto, os trabalhos analisados revelam uma necessidade clara de aprimoramento contínuo na formação dos profissionais de enfermagem, bem como na adaptação das práticas de atendimento às necessidades específicas das crianças com TEA. A triagem precoce, a criação de ambientes acolhedores e a promoção de uma abordagem holística e inclusiva são aspectos cruciais para o sucesso do cuidado. Além disso, a atualização constante dos conhecimentos dos enfermeiros e a adequação dos recursos disponíveis são fundamentais para garantir um atendimento de qualidade e alinhado com as melhores práticas e diretrizes do SUS. Assim, a história da enfermagem, unida à evolução das abordagens sobre o TEA, delineia um caminho promissor para um atendimento mais eficaz.

2.4 Desafios e as melhores práticas no cuidado de crianças com TEA

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), o foco na humanização do atendimento se intensificou, preparando os profissionais para um atendimento mais inclusivo e centrado no paciente. Os trabalhos recentes de Silva *et al.* (2024) e Barros e Alves (2024), fornecem uma visão crítica e atualizada sobre os desafios e as melhores práticas no cuidado de crianças com TEA no ambiente hospitalar. Esses ressaltam a importância de aprimorar tanto a detecção precoce quanto a intervenção terapêutica, além de promover uma abordagem holística e inclusiva no atendimento às crianças e suas famílias.

O texto de Silva *et al.* (2024), revela que, apesar da experiência das enfermeiras em pediatria, ainda existem desafios significativos na detecção precoce e no manejo do TEA. Esse aponta que, embora a identificação precoce dos sinais do transtorno seja crucial para uma intervenção eficaz, a falta de protocolos claros e de capacitação específica para o TEA ainda representa uma barreira importante. A necessidade de reconhecer sinais precoces e adaptar as terapias às necessidades individuais das crianças é fundamental, mas a ausência de diretrizes padronizadas e a escassez de treinamento especializado limitam a capacidade dos enfermeiros de oferecer um atendimento de alta qualidade. Portanto, é essencial que sejam desenvolvidos e implementados protocolos mais claros e que se invista na capacitação contínua dos profissionais para superar essas dificuldades.

Por outro lado, o trabalho de Barros e Alves (2024), enfatiza a importância de adotar abordagens holísticas e práticas para melhorar a qualidade do atendimento hospitalar a crianças com TEA. Este destaca que um conhecimento profundo sobre o diagnóstico e as manifestações do transtorno é crucial para o sucesso do tratamento. Além disso, a criação de ambientes acolhedores e a orientação adequada aos familiares são apontadas como estratégias essenciais para melhorar a experiência hospitalar das crianças e de suas famílias. O envolvimento dos enfermeiros na promoção da autonomia das crianças e no suporte às famílias é visto como um aspecto importante para garantir um atendimento que não apenas trate os sintomas do TEA, mas que também favoreça o desenvolvimento global da criança e o bem-estar da família.

2.5 Recomendações para Melhorar a Atuação dos Enfermeiros

No Brasil, a institucionalização da formação de enfermeiros, conforme descrito por Silveira e Paiva (2011), estabeleceu as bases para uma educação voltada para as necessidades da saúde pública. O reconhecimento crescente do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as

revisões no DSM refletem um avanço significativo na compreensão das características e necessidades das pessoas com TEA.

Esse progresso permite um diagnóstico mais preciso, destacando a importância de uma abordagem integrada e adaptada no cuidado, conforme evidenciado nos trabalhos de Zech (2024), Miranda *et al.* (2024), Sousa *et al.* (2024) e Barbosa e Oliveira (2024). O trabalho de Zech (2024), foca na atuação dos enfermeiros na Atenção Primária à Saúde e ressalta a importância da escuta ativa e da colaboração entre profissionais. Este aponta que a capacitação contínua e o estabelecimento de fluxos de trabalho bem definidos são essenciais para melhorar a qualidade da assistência oferecida a crianças com TEA. Em um contexto de Atenção Primária, onde a detecção precoce e o manejo contínuo são cruciais, a capacidade dos enfermeiros de ouvir atentamente as preocupações dos pais e de coordenar esforços com outros profissionais de saúde pode fazer uma diferença significativa. A formação contínua e a organização eficiente do trabalho são fundamentais para garantir que os enfermeiros estejam aptos a fornecer um atendimento de alta qualidade e adaptado às necessidades das crianças.

Miranda *et al.* (2024), ampliam a discussão ao destacar a importância do suporte psicossocial para as mães de crianças com autismo, além da assistência direta às crianças. O trabalho sugere que o atendimento deve ser holístico, levando em consideração não apenas as necessidades da criança, mas também o impacto emocional e psicológico sobre a família. Os enfermeiros desempenham um papel crucial ao oferecer suporte emocional, coordenar com outros profissionais de saúde e promover ambientes inclusivos.

Essa abordagem integrada é vital para garantir que a família receba o suporte necessário para lidar com as demandas do cuidado e para facilitar o desenvolvimento saudável da criança. Sousa *et al.* (2024), abordam a necessidade de um atendimento detalhado e individualizado, ajustado às características únicas de cada criança com TEA. Este enfatiza que a formação contínua é essencial para que os enfermeiros atualizem suas práticas e ofereçam suporte eficaz, incluindo estratégias de socialização e aceitação. A personalização do cuidado é fundamental, dado que o TEA pode se manifestar de maneiras muito variadas entre as crianças. Os enfermeiros devem estar preparados para adaptar suas abordagens às necessidades específicas de cada criança, o que exige um conhecimento aprofundado e atualizado sobre o transtorno.

Finalmente, Barbosa e Oliveira (2024), destacam a importância da comunicação eficaz e inclusiva no cuidado de crianças com TEA. A utilização de ferramentas como o Picture Exchange Communication System (PECS) e a Comunicação Facilitada (CF) é apontada como uma estratégia essencial para apoiar a comunicação das crianças. A comunicação adaptada e inclusiva é um componente vital para melhorar a interação entre a criança, a família e os

profissionais de saúde. A história do ensino de enfermagem, que passou por importantes transformações desde Florence Nightingale até as diretrizes atuais, destaca a necessidade da formação continuada para garantir um cuidado de qualidade. O desenvolvimento profissional constante é essencial para que os enfermeiros se adaptem às demandas em evolução na saúde mental e no desenvolvimento infantil, promovendo um cuidado integrado e suporte para a família.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Este estudo empregou uma abordagem qualitativa, voltada para uma análise aprofundada de grupos sociais e contextos específicos, ao invés de priorizar a representatividade numérica. De acordo com Gerhardt (2009), nesse tipo de trabalho, o cientista é simultaneamente sujeito e objeto do estudo, e o desenvolvimento da pesquisa é imprevisível, a amostra não precisa ser grande, desde que produza informações profundas e ilustrativas. Quanto a natureza desse estudo, adotará uma pesquisa bibliográfica, que consiste na busca por obras publicadas e, preferencialmente, por artigos relacionados ao tema sobre o papel da enfermagem com crianças diagnosticadas com TEA. O objetivo é reunir uma base teórica sólida para compreender e analisar os estudos existentes sobre o assunto. Conforme Gil (2007, *apud* Gerhardt, 2009, p. 37), "este tipo de pesquisa é caracterizado por investigações sobre ideologias ou por análises das diversas perspectivas sobre um problema".

Os procedimentos metodológicos buscam satisfazer os objetivos específicos e assim, cumprir o objetivo geral dessa pesquisa que permitirá o acesso a informações importantes, teorias, conceitos, metodologias e resultados de estudos anteriores. Com base em sites de banco de dados como o Google Acadêmico, foi selecionado 10 trabalhos que datam de 2019 a 2024. Para a pesquisa dos trabalhos foi feito uma lista com critérios para a seleção como: relevância do tema, trabalhos que abordam diretamente o papel da enfermagem no cuidado de crianças com TEA; ano de publicação, preferência para trabalhos publicados nos últimos cinco anos; impacto que evidenciam resultados mensuráveis ou qualitativos sobre a eficácia da intervenção da enfermagem. Também foi estabelecido algumas palavras-chave para facilitar a busca dos trabalhos, entre essas palavras estão: enfermagem e autismo; cuidado da enfermagem; papel do enfermeiro; tratamento e autismo; família e autismo. Essas palavras-chave foram combinadas para localizar artigos relevantes sobre o tema.

RESSULTADOS E DISCUSSÕES

Conclui que a identificação precoce dos sinais e a criação de um ambiente acolhedor são essenciais para diagnósticos precisos e intervenções eficazes, melhorando a qualidade de vida das crianças. Analisando ambos os trabalhos, é evidente que o aprimoramento da prática de enfermagem no contexto do TEA exige uma abordagem integrada.

A detecção precoce e a intervenção adaptada as idades das crianças são cruciais para um manejo eficaz, mas devem ser acompanhadas por uma formação contínua dos profissionais e pela implementação de protocolos claros. Além disso, é fundamental que os cuidados hospitalares sejam centrados na criança e na família, promovendo um ambiente acolhedor e estratégias que favoreçam a autonomia e o suporte familiar, pois a hospitalização para crianças com TEA tende a ser estressante devido a dificuldades de comunicação e sensibilidade sensorial. A evolução histórica da enfermagem, aliada ao entendimento contemporâneo do TEA, forma um caminho promissor para um atendimento mais inclusivo.

Ribas e Alves (2020), analisa o cuidado de enfermagem a crianças autistas, destaca a evolução da prática de enfermagem, que passou de uma abordagem centrada na medicação para uma visão mais holística.

O envolvimento da enfermagem na promoção da autonomia das crianças e no suporte às famílias é visto como um aspecto importante para garantir um atendimento que não apenas trate os sintomas do TEA, mas que também favoreça o desenvolvimento global da criança e o bem-estar da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TEA é uma condição neurodesenvolvimental complexa que se manifesta desde os primeiros meses de vida e se caracteriza por déficits persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Esses sintomas podem causar um impacto profundo na vida das crianças afetadas e de suas famílias, exigindo uma abordagem multidisciplinar para garantir um cuidado eficaz e abrangente.

O papel da enfermagem no atendimento a crianças com TEA é multifacetado, abrangendo aspectos clínicos, emocionais e sociais. A atuação dos profissionais de enfermagem vai além do simples manejo das condições de saúde associadas ao TEA; ela inclui o suporte emocional necessário para ajudar as crianças e suas famílias a lidarem com os desafios diários impostos pelo transtorno. Além disso, os enfermeiros desempenham um papel fundamental na promoção da inclusão social, um aspecto crucial para a melhoria da qualidade de vida dessas crianças.

Obeve-se como resposta à questão de pesquisa, que a atuação dos enfermeiros no atendimento a crianças com TEA abrange diversas dimensões, incluindo a detecção precoce e o tratamento clínico, bem como o suporte emocional e a integração social. Para aprimorar as práticas de enfermagem, é crucial investir em formação continuada, elaborar protocolos bem definidos e adotar abordagens adaptadas às necessidades específicas de cada criança. O cuidado deve ser ajustado às particularidades individuais das crianças e às exigências de suas famílias, visando uma assistência abrangente e de alta qualidade.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Flavia Aparecida Freire. **Transtorno do Espectro Autista (TEA): um breve relato sobre as suas principais características.** Cadernos Macambira, v. 7, n. 3, p. 420-426, 2022.
- ARAUJO, C. M.; NASCIMENTO, J.S.; DUTRA, W. L.; BARBOSA, J. D. S. P.; LIMA, R. N. **O papel do enfermeiro na assistência à criança autista.** Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde-ReBIS, v. 1, n. 3, 2019.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **DSM - 5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARBOSA, M. A.S. S.; OLIVEIRA, M. L. **O papel da enfermagem no estabelecimento da comunicação terapêutica com a criança com transtorno autista.** Revista Saúde Dos Vales, v. 5, n. 1, 2024.
- BARROS, J.; ALVES, H. **A importância dos cuidados de enfermagem holísticos à pessoa em idade pediátrica hospitalizada com perturbação do espectro do autismo.** In: Estratégias para promoção da saúde materno-infantil: os desafios da assistência-volume 2. Editora Científica Digital, 2024. p. 8-26.
- BATISTA, L. S.; KUMADA, K. M. O. **Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica.** Revista brasileira de iniciação científica, p. e021029-e021029, 2021.
- CARNIEL E. L, SALDANHA L. B, FENSTERSEIFER L. M. **A atuação do enfermeiro frente à criança autista.** Pediatria. São Paulo, 2010.
- FELIPE, M. A. S. **Estratégias e desafios do enfermeiro na detecção precoce de alterações do neurodesenvolvimento durante a puericultura: uma revisão integrativa da literatura.** Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Juazeiro do Norte – CE, 2024.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** 1º edição, Rio Grande do Sul. UFRGS Editora, 2009.

MIRANDA, B. S.; SILVA, C. C. C.; CASTRO, R. A.; FLOR, A. B. A. V. **Atuação do enfermeiro da atenção básica frente ao impacto do diagnóstico e a aceitação das mães de crianças com autismo.** Epitaya E-books, v. 1, n. 62, p. 113-128, 2024.

PIMENTA, C. G. S.; AMORIM, A. C. S. **Atenção e cuidado de enfermagem às crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus familiares.** Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde, v. 25, n. 3, p. 381-389, 2021.

RIBAS, L. B.; ALVES, M. **O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano.** Revista Pró-UniverSUS, Editora Univassouras. 2020.

SILVA, L. M. F.; ARAÚJO, J. V. V. S.; CHESANI, F. H.; BOSSARDI, C. N.; GOUVEA, P. B. **Assistência de enfermagem no contexto de responsabilidade às pessoas com transtorno do espectro autista.** Revista Enfermagem Contemporânea, v. 13, p. e5587-e5587, 2024.

SILVEIRA, C. A.; PAIVA, S. M. A. **A evolução do ensino de enfermagem no Brasil: uma revisão histórica.** Ciênc cuid saúde, v. 10, n. 1, p. 176-83, 2011.

SOUSA, V. F.; ABREU, M. F.; BUBADUÉ, R. M. **Enfermagem no Cuidado de Crianças com Transtorno de Espectro Autista.** Revista de Divulgação Científica Sena Aires, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2024.

ZECH, M. S. **Crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista na Atenção Primária à Saúde: Conhecendo as ações do (a) enfermeiro.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2024.